Louvar um imperador e legitimar uma identidade cristã-nicena a partir da morte: um estudo da *Consolação sobre a morte de Valentiniano*, de Ambrósio (392 d.C.)

Alabar a un emperador y legitimar una identidad cristiana-nicena a partir de la muerte: un estudio de la *De obitu Valentiniano consolatio*, de Ambrosio (392 d.C.)

Janira Feliciano Pohlmann [*]
Universidade Estadual Paulista

Resumo

A partir do ano de 388, uma série de fatores, entre eles a perda de sua mãe, o conselho de Teodósio e a atuação de Ambrósio a seu lado, fizeram com que o imperador Valentiniano II se aproximasse do bispo de Milão. Através de análises da *Consolação sobre a morte de Valentiniano* (392 d.C.), notamos como Ambrósio moldou para Valentiniano II uma identidade cristã-nicena. Perguntamo-nos quais temores assolavam a autoriadade episcopal e sua comunidade em um momento de vazio do poder imperial nos territórios romano-ocidentais. Sugerimos ainda que, como responsável por intermediar a despedida entre os súditos e o agusto recém-falecido, o bispo utilizou o espaço físico e temporal do enterro de Valentiniano II para exaltar a religião que professava, intensificar seu papel de homem público e suas relações com a figura imperial.

Palavras-chave: Consolação; Ambrósio, bispo de Milão; imperador Valentiniano II.

Resumen

Desde el año 388, una serie de factores, entre ellos la pérdida de su madre, el consejo de Teodosio y la actuación de Ambrosio a su lado, hicieron el emperador Valentiniano II acercarse al obispo de Milán. A partir de los análisis de la *De Obitu Valentiniani Consolatio*(392 d.C.), notamos que Ambrosio ha moldeado a Valentiniano II una identidad cristiana-nicena. Nos preguntamos qué temores asolaban la autoridad episcopal y su comunidad en un momento de vacío del poder imperial en los territorios romano-occidentales. Una vez que era responsable de intermediar la despedida entre los súbditos y el augusto recién fallecido, sugerimosque el obispo utilizó el espacio físico y temporal del entierro de Valentiniano II para exaltar la religión que él mismo profesaba, intensificar su papel de hombre público y sus relaciones com la figura imperial.

Palabras clave: Consolatio; Ambrosio, obispo de Milán; emperador Valentiniano II.

● **Enviado em: 07/04/2018**
● **Aprovado em: 14/06/2018**

[*] Pós-doutoranda em História na Universidade Estadual Paulista, *campus* de Franca. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo número 2016/20942-9. Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná, na linha "Cultura e Poder".

1. Introdução

Este artigo é fruto da revisão de uma parte de minha Tese defendida em 2016 no Porgrama de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação de meu mestre e amigo Professor Doutor Renan Frighetto. O propósito do trabalho aqui apresentado é examinar a legitimação de uma identidade cristã-nicena a partir de análises da *Consolação sobre a morte de Valentiniano* redigida em 392 por Ambrósio, bispo de Milão. Sendo este sacerdote um líder político e religioso do norte da Itália, perguntamo-nos quais temores assolavam sua autoridade e sua eclésia em um momento de vazio do poder imperial dos territórios romano-ocidentais. Sugerimos ainda que, como responsável por intermediar a despedida entre os súditos e o augusto recém-falecido, o bispo utilizou o espaço físico e temporal do enterro de Valentiniano II para exaltar a religião que ele mesmo professava, intensificar seu papel de homem público e suas relações com a figura imperial.

Antes de darmos prosseguimento a análise documental, faz-se necessário esclarecer que, em questão de fé, Ambrósio adotava os dogmas estabelecidos no Concílio de Niceia de 325.Conforme o credo instituído naquela ocasião, Pai, Filho e Espírito Santo possuíam a mesma substância (*homoousian*, ou seja, eram "da mesma substância"). Tais dogmas foram estabelecidos em contraposição à tese ariana que pregava que Jesus era formado de uma substância similar ao Pai (*homoean*, o que significa "de substância semelhante"). Portanto, quando nos referimos à uma cristandade nicena, tratamos dos seguidores destes princípios. Personagens como Ambrósio de Milão, Agostinho de Hipona, Jerônimo de Estridão, Basílio de Cesareia e Gregório de Nanziano professavam esta fé e a defendiam em seus sermões cotidianos e por meio de textos escritos. Em um contexto de cristianismos plurais, pouco a pouco, as palavras escritas e faladas por estes líderes religiosos ajudaram a arquitetar uma identidade cristã-nicena. De acordo com a historiadora Márcia Santos Lemos: "A identidade depende de uma diferenciação tanto quanto de uma identificação"[1]. Nesta dialética de diferenciação-identificação, a alteridade é o filtro para edificaçãode semelhanças e diferenças entre os grupos. Sob este ponto de vista, aqueles discursos baseados no credo cristão-niceno,por um lado, geravam sentimentos de pertença entre aqueles se sentiam atraídos por suas noções e, por outro, excluíam daquela comunidade os indivíduos em desacordo com tais argumentações.

[1] LEMOS, Márcia Santos. "O discurso agostiniano em *A Cidade de Deus*: a construção de uma fronteira entre cristãos e pagãos". In: SILVA, Gilvan Ventura da; SILVA, Érica Cristhyane Morais da. *Fronteiras e identidades no Império Romano: aspectos sociopolíticos e religiosos*. Vitória, ES: GM Editora, 2015, p. 160.

Estes textos, tal como a *Consolação sobre a morte de Valentiniano*, exerciam o poder de reuniar e afastar pessoas. E aqui percebemos o "poder simbólico" sugerido por Pierre Bourdie, entendido como instrumento "de conhecimento e de comunicação" que oferece sentido ao mundo"[2]. É sob esta perspectiva que analisamos a oração fúnebre dedicada por Ambrósio ao imperador falecido. Ao passo que louvava as ações do augusto e a falta que sua liderança faria ao Império, o sacerdote anunciava sua visão de mundo e convidada as pessoas ali presentes para participar deste mundo cristão-niceno, crente da Trindade Divina, e que havia sido compartilhado por aquele imperador que havia morrido para proteger seus súditos, como convinha a um governante correto - ao estilo da idealização pliniana do *optimus princeps* e corriqueira na literatura laudatória da Antiguidade Tardia.

O bispo pronunciou sua consolação a Valentiniano II quase dois meses depois da morte do augusto, ocorrida em 15 de maio de 392. Este tempo foi necessário para que chegasse à cidade uma autorização escrita por Teodósio, augusto das terras romano-orientais,permitindo que o enterro fosse realizado em Milão. Valentiniano II foi sepultado junto ao túmulo de Graciano(367-383 d.C.)[3], um reduto até então preenchido com discursos e memórias, mas não com carne, visto que desconhecemos o fim dos restos mortais deste augusto.

Não sabemos ao certo como se realizou o evento da anunciação da consolação a Valentiniano, mas o texto proferido pelo milanês naquela ocasião demonstra-nos que houve a celebração de uma missa na qual as irmãs do defunto faziam parte da audiência. Tratamos aqui do cerimonial público da morte, em que palavras faladas, gestos e cores marcavam a despedida do defunto. Naquelaocasião, asintegrantes da família valentiniana foram interlocutoras de Ambrósio entre os parágrafos 36 e 57, portanto, em 22 dos 80 parágrafos que compunham a consolação.Ao falar diretamente para elas, o bispo criava e ressaltava publicamente os laços que possuia com esta família, um artifício que alimentava sua autoridade.

Certamente o texto ambrosiano que nos foi legado passou por reavaliações e reelaborações do próprio autor para ser publicado, pois o anúncio fervoroso de 80 parágrafos acompanhado por gestos emblemáticos seria extremamente cansativo para os presentes e doloroso para aqueles que nutriam sentimentos de afeto com relação ao defunto. As palavras realmente ditas naquela solenidade perderam-se no jogo da invenção, da leitura das palavras

[2] BOURDIEU, Pierrre.*O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difusão Editorial; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989, p. 9.

[3] LÓPEZ KINDLER, Agustín. In: AMBRÓSIO. *De excessufratris: Discursos consolatorios*. Introducción, traducción y notas de Agustín López Kindler. Texto latino y castellano. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2011, pp. 21-22.

originais, do eventual improviso, da emoção e da recepção. Por outro lado, foram readequadas em palavras grafadas para aparelhar uma memória coletiva na qual se registrou os feitos de Valentiniano II como um virtuoso cristão niceno e leal aos apontamentos ambrosianos. Uma idealização, certamente, mas uma idealização cabível naquele momento em que o cristianismo niceno ganhava novos adeptos, erigia figuras santas e recebia o aval dos imperadores.

Renan Frighetto alerta para a função da memória e das histórias como construtoras de identidades[4]. Neste movimento de rememorações, escritas e reescritas das histórias, grupos eram identificados, fomentando sentimentos de pertencimento e de exclusão.Certamente, neste caminho, consideramos que muitas generalizações foram feitas com o intuito de homogeneizar diferenças e ampliar o alcance destas identidades. Neste artigo, propomos uma identidade cristã-nicena delineada por Ambrósioa partir da figura de Valentiniano II. Em um cenário de legitimação de discursos religiosos, a *Consolação sobre a morte de Valentiniano* foi mais um dos instrumentos utilizados pelo bispo de Milão para oferecer o valor da ortodoxia à fé baseada no Concílio de Niceia de 325.

Herdeiros da cultura grega, os latinos acolheram a prática dos textos laudatóriosoferecendo-lhes características próprias da oratória latina (*oratio*). Conforme o rétor Menandro (século III d.C.), "consolação", "monodia" e "epitáfio" eram discursos fúnebres e integravam a relação dos tratados de retórica epidíctica, ou seja, voltados à ostentação do defunto. No discurso consolatório, o autor deveria lamentar-se pelo falecido, explorar os prejuízos causados por tal morte e ampliar, tanto quanto fosse possível a emoção do discurso[5].

Segundo alusão do historiador John Hugo Wolfgang Gideon Liebeschuetz ao gênero da comemoração à morte, os autores cristãos adaptaram características de diferentes sub-gêneros clássicos para elaborar os discursos que festejavam a morte. A laudação fúnebre cristã foi reelaborada em conformidade com os princípios do cristianismo por dois autores contemporâneos a Ambrósio, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa, ambos importantes padres da Capadócia. As obras destes padres exerceram grande influência em algumas

4 FRIGHETTO, Renan. "*Memoria e conseruandae causa facit.* A memória e a história como veículos da construção das identidades no reino Hispano-visigodo de Todelo (finais do século VI - primórdios do século VII)". In: *De Rebus Antiquis.* Ano 2, n. 2. Buenos Aires: Universidad Católica Argentina, 2012, pp.1-18.

5 MENANDRO, *rhetor*. *Tratado* II. "Sobre el discurso de consolación" 413-414; "Sobre elepitafio" 418-422; "Sobre la monodia" 434-437.In: MENANDRO, *rhetor*. *Dos tratados de retórica epidíctica*. Introducción Fernando Gascó. Traducción y notas de Manuel García García y Joaquín Gutiérrez Calderón. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

composições de Ambrósio, tais como a oração pela morte de seu irmão Sátiro e os discursos sobre as mortes dos imperadores Valentiniano II e Teodósio[6].

Averil Cameron esclarece que, especialmente a partir da IV centúria, a proclamação de louvores funerários, inclusive de membros da família imperial, passou a ser a prerrogativa dos bispos, como Ambrósio ou Gregório de Nissa[7]. Este evento reunia uma grande e variada platéia e oferecia relevo àquele que o presidia. Sua natureza pública ofereceu ao milanês a oportunidade deste saccerdote demonstrar a quais poderes estava vinculado e, assim, corroborar sua autoridade, afinal, despedia-se do imperador da Ilíria e da ÁfricaPró-consular a pedido do augusto Teodósio e em nome das irmãs de Valentiniano II, estas, presentes na cerimônia.

2. *Consolação sobre a morte de Valentiniano*: seu contexto de escrita

Desde a morte de Graciano, em 383, e a aceitação da legitimidade de Magno Máximo como imperadorda região da Gália, Valentiniano II teve tempo de estabelecer sua governança sobre bases seguras. Se inicialmente, Máximo fora visto por Teodósio como uma alternativa atrativa para Graciano, por volta de 386, a situação havia se modificado a ponto dos partidários do príncipe dirigirem-se a Teodósio para que este vingasse o augusto morto e protegesse o sobrevivente da dinastia valentiniana, Valentiniano II[8].

A estratégica mudança de Valentiniano II e de sua corte para Milão integrou o jovem imperador a um círculo de relações de poderes estabelecidos anteriormente por seu irmão morto. Embora a fidelidade dos súditos não fosse garantida, havia uma grande possibilidade do sucessor consanguíneo do augusto ser bem aceito naquele cenário. Três anos após seu estabelecimento naquela cidade, Valentiniano tinha construído em seu entorno uma ampla rede de relacionamentos, na qual Ambrósio estava incluído.

Entre 383 e 388, Magno Máximo governou sob a aceitação de Teodósio e Valentiniano, até avançar sobre os territórios de Itália e obrigar Valentiniano e sua corte a se retirar de Milão e se estabelecer em Tessalônica. A partir de então, Máximo foi considerado usurpador,

6 LIEBESCHUETZ, John Hugo Wolfgang Gideon.*Ambrose of Milan: Political Letters and Speeches*. Translated with an introduction and notes by J. H. W. G. Liebeschuetz with the assistance of Carole Hill. 2ª ed. Series Translated Texs for Historians. Liverpool: Liverpool University Press, 2010, pp. 360-361.

7 CAMERON, Averil. *Christianity and the rhetoric of Empire: the development of christian discourse*. Sather Classical Lectures, vol. 55. Oxford: Universtiy of California Press, 1991, p. 141.

8 MCLYNN, Neil B.*Ambrose of Milan: Church and Court in a Christian Capital*. Berkeley: University of California Press, 1994, p. 163.

enfrentou um exército liderado por Teodósio e foi morto em 388, nas proximidades de Aquileia.

Após a morte de Magno Máximo, Valentiniano retornou a Milão. A fim de colocar fim às hostilidades nos territórios romano-ocidentais, Teodósio sugeriu que Valentiniano se conciliasse com os católicos, ofendidospela proteção imperial oferecida às crenças *homoeans*arianas, e adotasse a fé nicena, baseada nas noções *homoousians*. Com esta estratégia, o augusto ampliaria sua base de sustentação, um recurso fundamental para sustentar o poder de *imperium* e a utilidade pública do governante.

Ainda naquele ano, Valentiniano II sofreu a perda de sua mãe e tutora, Justina, protetora das ideias cristãs-arianas. Com aproximadamente 18 anos o jovem imperador, que sempre estivera sob a tutela de Graciano e de Justina, era, então, augusto único das terras romana-ocidentaise não respondia mais a ninguém de sua família. O futuro daquela dinastia - e de suas irmãs -dependia de seu governo.

Uma série de fatores, entre eles a perda de sua mãe, o conselho teodosiano e a atuação de Ambrósio a seu lado, fizeram com que, a partir de 388, Valentiniano se aproximasse cada vez mais do bispo milanês e aceitasse a fé do Concílio de Niceia como sua, conforme as elaborações expressas no discurso *Consolação sobre a morte de Valentiniano*e corroborado pelas constituições aprovadas por ele, por Teodósio e por Arcádio em favor da fé católica em 388 e 392[9].

Sob os governos de Valentiniano I (364-375 d.C.) e de Graciano, Ambrósio garantira um lugar proeminete no universo cultural, religioso e político da sociedade romana. Havia se tornado bispo da diocese de Milão, em 374, sob a prefeitura de Sexto Claudio Petrônio Probo. E por solicitação do augusto Graciano, entre 378?/380? e 383?,tinha escrito dois livros dedicados a esclarecer os princípios da fé nicena: *Sobre a fé* e *Sobre o Espírito Santo*.O sacerdoteagia e escrevia em prol de valores nicenos e tinha o aval imperial. Sem dúvida, tais oportunidades favoreceram a propagação desta crença e alimentaram seu caráter de verdadeira, correta e legítima, situação comum entre os discursos oficiais.

No caminho da construção de uma ortodoxia religiosa, a conversão de Valentinino II, sugerida na *Consolação sobre a morte de Valentiniano*, e os editos imperiais em prol das crenças nicenas legitimavam a fé anunciada por Ambrósio, situação que, por sua vez,destacava a autoridadeepiscopal. De acordo com as argumentações ambrosianas, até

9 *C.Th.* XVI, 4, 2; 3.In: *The Theodosian Code and novels and the Sirmondian constitutions*. A translation with commentary, glossary, and bibliography by Clyde Pharr in collaboration with Theresa Sherrer Davidson and Mary Brown Pharr. New York: Greenwood Press, Publishers, 1952.

mesmo um imperador seguidor das ideias *homoeans* havia abraçado as noções *homoousians*. O cerimonial fúnebre de Valentiniano ofereceuao bispo a oportunidade de declarar publicamente esta conversão, ressaltando a veracidade daquela fé, a habilidade ambrosiana de ensinar a respeito dela e os vínculos de poderconstituídos pelo sacerdote. Nesta ocasião, o orador ressaltou as virtudes do augusto defunto, especialmente os valores que apresentavam Valentiniano como "um imperador cristão", reforçou os laços entre o mortoe o bispo e entre o morto e seus súditos.

Em seu discurso,o sacerdoteconstruiu um Império romano ocidental em que estes elementos eram imprescindíveis para a manutenção da ordem social e para a sustentação da figura imperial, desta forma, edificou uma visão de um Império cristão, no qual ele exercia simbolicamente seu poder.Neste ínterim, salientamos a afirmação de Bourdie: "escutar é crer"[10]. Portanto, os presentes naquela cerimônia escutavam as palavras proferidas pelo bispo, observavam seus gestos, partilhavam suas pausas e acreditavam no mundo que Ambrósio elaborava através de seu discurso – e, mais do que isso, aquelas pessoas propagavam a mensagem recebida e ajudavam na constituição de uma ortodoxia cristã-nicena.

Salientamos que o milanês proclamava estas ideias em um momento de incertezas a respeito do poder imperial nas terras romano-ocidentais. Naquele contexto, a constante promulgação por parte de Teodósio I e de Valentiniano II de constituições voltadas para a abolição de privilégios dos seguidores das antigas religiões greco-romanas, o fim dos ritos públicos e o fechamento de templos desagradou pessoas importantes daquela sociedade. Com o apoio destes personagens insatisfeitos com a administração imperial e dos soldados sob sua liderança, em 392, o *magister militum* Arbogasto, de origem franca, desafiou o poder de *imperium* de Valentiniano II. Neste enfrentamento, o augusto faleceu. Era sob o perigo de uma possível usurpação agenciada por Arbogasto que o bispo anunciava publicamente a morte de Valentiniano II. Uma ameaça concretizada: em agosto daquele mesmo ano, enquanto Ambrósio revisava e reescrevia sua *Consolação sobre a morte de Valentiniano*, Flávio Eugênio (392-394 d.C.) foi aclamado imperador pelo exército de Arbogasto. Situação considerada uma usurpação do poder imperial perante Teodósio e Arcádio (augusto e corregente dos territórios romano-orientais desde 383).

[10] BOURDIEU, Pierrre."A economia das trocas linguísticas", . Reproduzido de BOURDIEU, P. L'économiedeséchangeslinguistiques. In: *Langue Française*, 34, maio 1977. Traduzido por Paula Montero. Disponível em: <http://docplayer.com.br/57743-A-economia-das-trocas-linguisticas-1.html> Acesso em: 04/04/2018, p. 06.

3. Construções identitárias e legitimação da autoridade episcopal a partir da morte de Valentiniano II

> Mas ele não permitiu, ao ouvir que os Alpes da Itália estavam infectados de inimigos bárbaros e, ao abandonar as Gálias, preferiu expor-se ao mesmo perigo a deixar de ajudar os nossos. Reconhecemos que este foi o grande crime do imperador, desejar ajudar o Império dos romanos! Esta foi a causa de sua morte, que é plena de louvor. (T.A.)[11].

Desta forma Ambrósio destacou a proteção oferecida por Valentiniano IIaos territórios romanos. Nesta estrofe, o bispo enalteceu que o grande crime (*magnum crimen*) do augusto foi o desejo de ajudar o Império. Sob este ponto de vista, ele morrera ao agir como um verdadeiro governante. Detacamos aqui a utilização do *tópos*literário do *optimus princeps*. Um modelo que conectavao bom governo à defesa militar e à conquista de territórios por parte dos augustos.Ambrósio não era, pois, inovador nesta redação, ao contrário, vinculava-se à uma cultura literária já conhecida. Uma atitude que permitia a interação com seu público, visto que tratava de um assunto conhecido.

Todavia, mais do que um imperador, o milanês transformou ValentinianoII em um imperador cristão, selecionado por Deus para defender seu povo. E aqui, percebemos indícios da apropriação da tradição literária neoplatônica do "governante guiado pelas divindades" para a tradição cristã do "governante escolhido por Deus". Conforme esclarece o historiador Ramón Teja, a partir do governo de Constantino, pouco a pouco, houve uma identificação ente romanidade e cristianismo, uma das mais profundas transformações identitárias conhecidas no Ocidente[12]. Sem dúvida, Ambrósio foi um dos muitos responsáveis por esta mudança na imagem imperial. Seus textos anunciavam a união entre o Deus cristão-niceno e o imperador como benéfica para a preservação do Império.

Ainda com relação ao trecho destacado, segundo Ambrósio, a investida estrangeira vinda dos Alpes havia deixado Milão em alerta. O autor exaltou a atenção despendida por Valentiniano com relação a seus súditos: sua vida lhe importava menos do que a dos seus. Uma atitude como esta era digna de ser louvada. Afinal, naquela ocasião, os romanos teriam acabado de perder um de seus mais importantes protetores na terra. No momento em que, reunidos, homenageavam e lamentavam a morte de seu benfeitor, a força do conjunto sobrepunha-se à fragilidade do indivíduo, sozinho, com suas dúvidas e sentimentos. Ali,

11 AMBRÓSIO.*Consolação sobre a morte de Valentiniano,* 2.

12 TEJA, Ramón.¿Romanos o cristianos?La apropiación de la identidad romana por el cristianismo.In: SILVA, Gilvan Ventura da; SILVA, Érica Cristhyane Morais da. *Fronteiras e identidades no Império Romano: aspectos sociopolíticos e religiosos*. Vitória, ES: GM Editora, 2015, pp. 94-96.

naquela circunstância, este conjunto era liderado por Ambrósio. Sua voz trazia à memória os feitos do augusto e confortava os vivos.

De acordo com o bispo, assim como um pai resguardava sua casa, Valentiniano tentara defender os seus e pagou com a vida. Por isso, a morte do augusto era chorada como a de um membro da família, como a de um "pai de todos" (*parentem publicum*), não como a um imperador[13]. Este fato enaltecia o respeito devido a este governante e ampliava sua sacralidade, ressaltando o significado do título *augustus*, ou seja, sagrado, divino, venerado. Conforme as elaborações ambrosianas, ao cumprir uma das funções essenciais do poder de *imperium* -a proteção dos romanos-, Valentiniano havia perecido. A Ambrósio restou o dever de consolar a grande família romana carente de seu pai e, concomitantemente, exaltar aos demais augustos os valores que deveriam compor um verdadeiro imperador, sempre de acordo com o ponto de vista de um bispo cirstão-niceno. Observamos que o goverante servia de modelo para seus súditos, portanto, ao identificá-lo como partidário da fé nicena, Ambrósio oferecia aos romanospadrões de conduta a serem seguidos. Desta forma, incorporava àquelacultura princípios cristãos nicenos e ressaltavaa importancia de uma crença que, naquele momento,tentava se consolidar como ordodoxa (correta) e universal.

A morte de Valentiniano II, ocorrida na Gália durante conflitos com Arbogasto, está envolta por circunstâncias obscuras. O imperador fora a Gália para liderar o exército local em direção a Itália a fim de repelir tentativas de migrações oriundas dos Balcãs. No desempenho das funções de chefe do exército,Arbogasto desaprovou o comando militar de Valentiniano pela Itália e condenou publicamente tal liderança, fato que gerou confrontações que culminaram com a morte de Valentiniano. De acordo com o historiador cristão Paulo Orósio, o imperador havia sido estrangulado com a ajuda de seu comes Arbogasto, mas para que aquela circunstância parecesse suicídio, havia sido pendurado em uma corda[14]*. Em sua História Eclesiástica,* Sozomenoapresentou duas versões para a morte do augusto: algumas pessoas acreditavam que o ele havia sido assassinado, outras, que ele havia se matado com suas próprias mãos[15].

Em sua consolação, constantemente Ambrósio aludiu à morte deste governante, todavia, não ofereceu detalhes sobre o ocorrido.O tema central desta obra foi a grande tristeza que assolou o Império dos romanos devido a perda de seu líder. Morto por outros ou por ele

13 AMBRÓSIO.*Consolação sobre a morte de Valentiniano,* 3.

14 PAULO ORÓSIO. *Historia Adversus Paganos*VII, 35, 10.In: PAULO ORÓSIO. *Historias: Libros V-VII.* Traducción y notas de Eustaquio Sánchez Salor. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1982.

15 SOZOMENO. *H.E.* VII, 22.In: SOZOMEN. *Ecclesiastical History: A History of the Church in Nine Books, from 324 to 440*, Vol. 1 of 9 (Classic Reprint Series). Forgotten Books, 2012.

próprio? Naquele momento o sacerdote havia se dedicado a louvar o augusto e a lamentar sua falta. A maneira como Valentiniano havia morrido não tinha papel relevante naquela circustância. Não se procurava culpados, mas, sim, um único herói: Valentiniano II, um imperador cristão-niceno – conforme as argumentações do bispo de Milão.

Redigida em um contexto de tensões e de inseguranças, a *Consolação sobre a morte de Valentiniano* carregava em si a pregação regular ambrosiana, uma estreita ligação com a cultura dominante e exemplos de condutas que deveriam inspirar os súditos romanos e o sucessor de Valentiniano II.Novamente, recorro aos princípios do poder simbólico de Bourdie para observar que "o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia"[16]. No momento do pronunciamento da laudação fúnebre de Valentiniano, Ambrósio ocupava uma posição de destaque em meio ao cerimonial, afinal, o público deveria enchegar aquele que presidia o ritual. Além disso, por algum tempo, sua voz deve ter sido a única a ser ouvida. Ele havia sido escolhido pelo próprio Teodósio para exercer tal responsabilidade. O bispo estava vinculado, portanto, a um imperador morto, Valentiniano II, e ao então imperador de todas as terras romanas, Teodósio. E ele fazia questão de demonstrar sua ligação com o poder imperial que nutria sua autoridade e conferia verdade a suas palavras e à sua crença religiosa.

Na ocasião do enterro de Valentiniano, certamente Ambrósio estava abalado pela dúvida quanto à nova liderança temporal nas terras ocidentais do Império. Teodósio e Eugênio se contrapunham. Clamar a Deus em nome de quem? Em que confiar os conselhos episcopais? Para quem requisitar o amparo de sua fé? Dividido entre a dor da perda de Valentiniano, o seu imperador cristão, e receios quanto ao futuro, em sua função de líder espiritual daquela comunidade, o milanês lastimou o significativo prejuízo que tal morte causava ao Império e encomendou aquela alma aos cuidados do Deus cristão proclamado no credo niceno.

Somente em setembro de 394, as armadas sob liderança de Teodósio derrotaram Eugênio e seu principal auxiliar, Arbogasto, na cidade de Aquileia.

Consideramos que a *Consolação sobre a morte de Valentiniano* está dividida em cinco partes: lamentação perante a morte (1-8); laudação às virtudes valentinianas (9-35); discurso de cunho consolatório dirigido às irmãs de Valentiniano, no qual prosseguem os louvores às

16 BOURDIEU, Pierrre. *O poder simbólico*, p. 15.

virtudes valentinianas (36-57); descrição do corpo e da alma do imperador defunto (58-64); outras lamentações e louvores (65-80).

O milanês iniciou seu texto com a apresentação do defunto à sua audiência e com o convite para que toda a comunidade enfrentasse junta as dores da perda:

> Embora aumente a dor ao escrever sobre o que a causa, entretanto, muitas vezes encontramos consolo em lamentar a perda e comemorar os restos - porque ao escrever, enquanto dirigimos a ele nossos pensamentos e fixamos nele nossa atenção, parece-nos que revive em nossas palavras. O coração nos obrigou a assinar algo sobre os últimos dias do jovem Valentiniano. Assim, não nos parecerá que o silêncio destruiu a memória de quem nos deixou e que nos fez muitos favores e a quem desejamos honrar; nem parecerá que fugimos de incentivar nossa dor. O alívio da dor normalmente é perturbado quando falo dele e a ele me dirijo, como se minhas palavras falassem de quem está presente e a ele. (T.A.)[17]

Nesta elaboração, o orador desejava que o augusto revivesse em suas palavras e insistia em não deixar que o silêncio (*silentio*) apagasse da memória (*memoriam*) aquele governante, embora isso incentivasse a dor. Pretendia-se que as ações de "lamentar a perda","comemorar os restos" e "reviver" os feitos de Valentiniano unissem e identificassem aquela parte da sociedade dos romanos como súditos fiéis ao defunto e, em certa medida, como fiéis ao Deus da Trindade, apregoado ao longo desta obra.

Em conformidade com o trecho destacado, não seria possível haver silêncio sobre Valentiniano.A presença imperial era intensificada quando o milanês falava sobre o augusto. Nesta conjuntura, Ambrósio colocou-se como a voz responsável por exterminar o silêncio e ele seria o responsável por manter vivas as importantes empreitadas imperiais e por glorificá-las. Naquela sociedade conduzida por ensinamentos advindos da oralidade, o bispo destacava padrões de comportamentos, suas palavras repercutiam nos atos alheios e conservavam a ordenação daquela sociedade. Ou seja, suas palavras tinham como objetivo manter uma determinada ordem que, certamente, o beneficiava. Como líder espiritual e ensinante, esta atitude realçava as funções sacerdotais perante àquele grupo e intensificava sua autoridade.

Observamos, ainda, que as ações de Valentiniano II seriam perpetuadas na memória de um público muito mais amplo do que aquele que ouvia diretamente as palavras consolatórias de Ambrósio. Afinal, os discursos da Antiguidade eram organizados retoricamente para que a mensagem fosse identificada, compreendida e propagada. Arraigado à antiga tradição da utilização da retórica em prol da satisfatória anunciação das pregações, Agostinho, bispo de

17 AMBRÓSIO. *Consolação sobre a morte de Valentiniano,* 1.

Hipona, observou que era conveniente ao orador cristão o uso desta disciplina. Segundo este sacerdote, uma vez que pessoas más sustentavam perversidades com esta arte, cabia ao orador cristão argumentar a respeito da verdade através deste mesmo caminho[18].

Habilidoso nesta arte, com a proclamação da *Consolação sobre a morte de Valentiniano*, Ambrósio difundiu as atuações e de Valentiniano II - também de Graciano e de Valentiniano I - e, concomitantemente, seu papel junto a estes governantes e sua atuação como líder de uma destacada comunidade milanesa.

Gilvan Ventura da Silva alude ao fato de que, no decorrer dos séculos IV e V, ocorreu um processo de cristianização da cidade no qual os bispos promoveram a apropriação de territórios cívicos, influenciaram na administração municipal e, gradualmente, passaram a intervir no calendário e nas atividades urbanas[19]. Ainda que esta cristianização, na maioria dos casos, não tenha sido tão absoluta como pregava-se, ela foi efetiva e modificou o panorama das antigas cidades. Recordamos que o imperador das terras romano-orientais, Teodósio, havia solicitado que Ambrósio liderasse os ritos fúnebres do augusto defunto. Não mais um orador atrelado às antigas religiões greco-romanas, mas, sim, um orador cristão agora presidia o cerimonial da morte imperial. Uma ocasião que ofereceu ao bispo a oportunidade de pública de vincular-se à dinastia valentiniana, de apresentar-se como porta voz do imperador oriental e da comunidade que temia a instabilidade gerada com o vazio de poder causada pela morte de Valentiniano e, simultaneamente, promovia a chance do sacerdote propagar sua fé.

Aos moldes dos discursos de consolação sugeridos pelo rétor Menandro[20], Ambrósio lamentou a pouca idade com que Valentiniano II abandonou a vida[21]. O augusto contava com pouco mais de 20 anos, porém, este curto espaço temporal como imperador dos territórios romano-ocidentais, patrocinou relações de distanciamentos e de efetiva aproximação com o bispo de Milão. Relações, estas, promotoras de reprovações e de louvores por parte do sacerdote, registradas em epístolas e na consolaçãoque analisamos neste artigo.

Depois de alguns desencontros de crenças, especialmente a partir de 388, Valentiniano deixou-se guiar pelos conselhos religiosos de Ambrósio. Evidentemente, tal aprovaçãoda fé nicena foi anunciada por palavras escritas e pronunciadas pelo sacerdote. Segundo o autor, a

---

18 AGOSTINHO. *De Doctrina Christiana* IV, 2, 3. Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/dottrina_cristiana/index2.htm> Acesso em: 04/04/2018.

19 SILVA, Gilvan Ventura da. "Juliano e a imagem de Antioquia no *Misopogon*". In: SILVA, Gilvan Ventura da; SILVA, Érica Cristhyane Morais da.*Fronteiras e identidades no Império Romano: aspectos sociopolíticos e religiosos*. Vitória, ES: GM Editora, 2015, p. 119.

20 MENANDRO, *rhetor*. *Tratado* II, 413 –"Sobre el discurso de consolación".

21 AMBRÓSIO. *Consolação sobre a morte de Valentiniano,* 6; 43; 46.

eclésia havia chorado por toda a noite, "porque jazia aquele que a fazia mais esplêndida com sua fé e devoção"[22]. Nesta elaboração retórica, "fé" e "devoção" foram imputadas ao defunto. Tendo-o como um modelo de conduta, o milanês requeria o mesmo de seus ouvintes. Desta maneira, simultaneamente ao louvor imperial, Ambrósio impunha à sua audiência valores e comportamentos que a identificava como cristã-nicena eedificava uma visão de mundo na qual o poder de *imperium*vinculava-se a esta fé.

Ainda em conformidade com este discurso, além de ceifar do convívio daquela sociedade um pai que lutava pelos seus, e um exemplo de comportamento a ser imitado, a morte de Valentiniano II causava incertezas na comunidade cristã-nicena, por isso, a eclésia temia por sua segurança. É fato que sem o amparo de um imperador, os privilégios concedidos àquele grupo poderiam ser ameaçados pelas crenças de futuros governantes. É digno de nota que, embora Eugênio fosse cristão, parte essencial de sua base de apoio professava antigas crenças greco-romanas e requisitavam a restituição de tradicionais prerrogativas.

Em um cenário em que não se sabia quem herdaria o poder de impériode Valentiniano, Ambrósio ressaltou sua preocupação com a segurança de sua eclésia. Havia encontrado primeiramente em Graciano um porto seguro, depois em Valentiniano II, ambos mortos por ações usurpatórias. Com quem o milanês poderia contar dali para frente? A vitória seria de Eugênio ou de Teodósio? Embora saibamos que Teodósio venceu o usurpador e seu chefe de exército, Arbogasto, no momento da declamação da *Consolação sobre a morte de Valentiniano* incertezas e esperanças agitavam os sentimentos ambrosianos. Não à toa, o choro de sua eclésia foi tão fortemente enaltecido por Ambrósio.

Na segunda parte da consolação, Ambrósio preocupou-se em honrar várias virtudes valentinianas, as quais faziam daquele homem, acima de tudo, um correto líder do Império. Disciplina(*disciplina*); abstinência (*abstinetiae*); castidade (*castitas*); piedade (*pietas*)[23], entre outras qualidades erigiam um governante ideal para os romanos. Estas eram algumas das virtudes tradicionais que há muito tempo esperava-se de um augusto. Embora muitas delas tenham sido reelaboradas por autores cristãos, sua essência aludia aos costumes já afincados naquela sociedade. Mas sabemos que Ambrósio desejava mais do que um governante para os romanos. Ele almejava um imperador cristão. Por isso, valores abstratos foram ilustrados com ações e comportamentos imperiais realizados sob a instrução de princípios redesenhados como cristãos e em benefício destes ideais.

22 AMBRÓSIO. *Consolação sobre a morte de Valentiniano,* 5.
23 AMBROSIUS. *Consolação sobre a morte de Valentiniano,* 11; 17-18.

"A oração é um bom escudo, que rechaça todas as flechas inflamadas do inimigo. Então orava o Senhor Jesus, e, imitando-o, orava Valentiniano"[24]. Assim como fizera Graciano, sob o ponto de vista ambrosiano, Valentiniano também buscava reproduzir o comportamento de Cristo ao solicitar em orações que as ameaças inimigas se desviassem de seu povo. As historiadoras brasileiras Ana Teresa Marques Gonçalves e Ana Paula Franchi observam que os panegíricos latinos dos séculos III e IV conferiam ao poder de império uma dimensão sagrada[25]. Nestes textos laudatórios, os augustos eram vinculados a diversas divindades. Laços estabelecidos retoricamente com Júpiter, Marte, Sol Invicto, entre outros deuses, produziam um imperador vivo quase divino. Esta era, portanto, uma prática de escrita já comum entreaqueles que se dedicavam a louvar um augusto. Um costume readaptado por autores cristãos: as divindades greco-romanas cediam espaço a Cristo. Com isto, a sacralização do poder era mantida, mas, a partir de então, eram instituídos vínculos com oFilho do Deus cristão.Tal recurso foi utilizado por Ambrósio e assim, palavra por palavra, o bispoerigiu uma dinastia imperial voltada ao cristianismo niceno e conferiu a esta fé a noção de ortodoxa.

A partir do parágrafo 23 da consolação a Valentiniano, o milanês inseriu-se como agente participativo da vida do augusto. E já na primeira linha deste parágrafo ressaltou as relações pessoais que mantinha com o imperador, estas incentivadas pelo próprio governante:

> Tudo isso é comum para mim. Pessoalmente, recordo que muitas vezes ele me chamava quando eu estava ausente e preferia ser iniciado por mim nos sagrados mistérios. Porém, quando chegou a ele, em Viena, o rumor de que me dirigia para lá a fim de convidá-lo a vir à Itália, se alegrou, satisfazia-se pensando que já me encontrava presente, conforme seus desejos! (T.A.)[26]

Através desta elaboração, o autor mostrava a seu público sua importância na vida - prática e contemplativa - do soberano secular e, ao mesmo tempo, esclarecia a conduta religiosa assumida pelo imperador. Uma vez que Valentiniano "preferia ser iniciado por [Ambrósio] nos sagrados mistérios", ele assumia compartilhar das noções nicenas proferidas pelo milanês.

---

24 AMBROSIUS. *Consolação sobre a morte de Valentiniano,* 32.

25 GONÇALVES, Ana Teresa Marques; FRANCHI, ANA PAULA. "Os panegíricos latinos e o conceito de *imperium*: repensando os poderes dos imperadores romanos (séculos III e IV d.C.)." In: *Revista História e Cultura*, Franca-SP. Vol. 2, n. 3 (Especial), 2013, p. 218.

26 AMBROSIUS. *Co,* 23.

Observamos que os bispos eram os responsáveis pela fixação das religiosidades cristãs e ter o governante supremo dos territórios romano-ocidentais como um seguidor de seus ensinamentos, despertava sentimentos de sucessos e de tranquilidade em Ambrósio. Ademais, Valentiniano II fora concebido como o arquétipo perfeito a serviço da cristandade nicena: um líder do poder secular fiel aos dogmas apregoados no Concílio de 325, os quais lhe eram elucidados pelo bispo de Milão.

Esta identidade cristã-nicena atribuída a Valentiniano por Ambrósio foi cuidadosamente delineada ao longo de toda a obra, juntamente com a relação bispo-imperador. De acordo com notações de Bourdieu, mais do que um organismo de comunicação, a linguagem organizada textualmente é um instrumento de poder no qual o autor procura ser obedecido, acreditado, respeitado e reconhecido[27]. Ao arquitetar a cristandade nicena de Valentiniano e a estreita ligação entre si e o augusto, Ambrósio buscava a legitimação de sua crença - como única e verdadeira - e de suas funções no seio daquela sociedade. McLynn ressalta que, em sua comemoração final, Valentiniano foi apresentado para os cristãos de Milão, sob os cuidados de Ambrósio e, ironicamente, na basílica que um dia havia demando para os arianos[28]. Sim, Ambrósio presidia o cerimonial dentro de uma basílica que, no passado, havia gerado conflitos que colocaram em lados opostos Valentiniano, favorável aos arianos, e Ambrósio, seguidor do niceísmo. Estar naquel lugar, falando do augusto morto, diante de uma seleta audiência, alimentava a identidade cristã-nicena que o bispo imputava ao imperador defunto.

Em concordância com o discurso da *Consolação sobre a morte de Valentiniano*, Valentiniano era honrado por suas virtudes, por imitar Cristo, por desejar ser batizadoe por dever "obediência ao autor da salvação"[29]. Prontamente identificamos nestas elaborações um imperador cristão. Porém, diversos elementos deste texto reforçaram o niceísmo que seria confessado por esse governante no final de sua vida. O augusto, por exemplo, havia solicitado ser batizado por Ambrósio e requeria aprender sobre a verdadeira fé com este bispo. Através desta elaboração retórica, o autor afastava dos interesses imperiais o desejo de estudar o judaísmo, os antigos cultos greco-romanos ou qualquer outro conjunto de saberes religiosos que não fosse aquele admitido pelo milanês.

Certamente a retórica ambrosiana favoreceu a elaboração de uma dinastia valentiniana cristã, entretanto, estes argumentos não estavam representadosapenas pelas palavras escritas

27 BOURDIEU, Pierrre."A economia das trocas linguísticas", p. 05.
28 MCLYNN, Neil B. *Op. cit.*, p. 338.
29 AMBROSIUS. *Consolação sobre a morte de Valentiniano,* 20; 25; 32; 51; 52.

e proclamadas pelo bispo. As diversas constituições expedidas sob a dinastia valentiniana em prol do cristianismo niceno, contra heresias e crenças não-cristãs, somadas às muitas ações destes imperadores, sustentavam a mensagem episcopal.

4. Considerações finais

Devido às elaborações retóricas apresentadasna *Consolação sobre a morte de Valentiniano* sugerimos que esta obra tenha sido uma tentativa de oferecer aos herdeiros do poder de *imperium*um modelo de príncipe cristão a ser imitado, quiçá superado. Lembremos também que, especialmente a partir do século IV, os bispos adquiriram a missão de redigir laudações fúnebres aos imperadores romanos. Fato que demonstrava a visibilidade que estes homens vinham alcançando na esfera pública daquela sociedade.

Efetivava-se, cada vez mais, a integração entre o cristianismo niceno, apregoado por Ambrósio, e as instituições romanas, situação que impulsionava a conexão entre este cristianismo e elementos sócio-culturais romanos. Comprovando, novamente, a impossibilidade de compreendermos as religiões da Antiguidade em um domínio apartado do cultural e do social. Entrelaçamentos, confusões, dúvidas, distanciamentos e reapropriações entre estas esferas humanas faziam daquelas sociedades o que elas eram: ambientes vivos e dinâmicos.

Através das argumentações de sua *Consolação sobre a morte de Valentiniano*, assim como havia feito com relação a Graciano, as construções retóricas do milanês edificavam umapersepção de mundo em que o poder de *imperium* e a fé cristã-nicena estavam unidos. Tais elaborações nutriramuma identidade cristã-nicena para a comunidade milanesa, baseada nas virtuosas ações e condutas fornecidas por Valentiniano II. Exemplos que deveriam nortear a vida dos súditos do Império dos romanos, mas não só, também os passos de todos os dirigentes do poder de império.

Ao legitimar a utilidade da figura imperial, simultaneamente,Ambrósio vinculou-se ao círculo de poder imperial, sustentou sua visibilidade pública e sua autoridade. Munido desta autoridade, sob o aval de imperadores e através das elaborações retóricas que autenticavam este apoio, em um processo sucessivo e trabalhoso, este sacerdote foi um dos responsáveis pela organização e difusão de discursos que transformaram a fé disposta no credo niceno em uma religião anunciada como católica e ortodoxa, ou seja, universal e correta. Não à toa, novecentos anos após sua morte, o milanês foi designado como um dos “pais da eclésia” ocidental, pelo papa Bonifácio VIII (1235-1303).